



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA FRANCINEIDE HENRIQUE DE JESUS

**MULHERES QUE SE RELACIONAM COM HOMENS  
COMPROMETIDOS: NARRATIVAS DE SI**

MOSSORÓ - RN

2018

MARIA FRANCINEIDE HENRIQUE DE JESUS

**MULHERES QUE SE RELACIONAM COM HOMENS  
COMPROMETIDOS: NARRATIVAS DE SI**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Sociais e Humanas.

Orientadora: Professora Dra. Kyara Maria de Almeida Vieira.

MOSSORÓ - RN

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

J58m Jesus, Maria Francineide Henrique de.  
MULHERES QUE SE RELACIONAM COM HOMENS  
COMPROMETIDOS: NARRATIVAS DE SI / Maria  
Francineide Henrique de Jesus. - 2018.  
36 f. : il.

Orientadora: Kyara Maria de Almeida Vieira.  
Monografia (graduação) - Universidade  
Federal  
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do  
Campo, 2018.

1. Mulher. 2. Identidade. 3. Sexualidade.  
4. Amante. 5. Oeste Potiguar. I. Vieira, Kyara  
Maria de Almeida, orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

MARIA FRANCINEIDE HENRIQUE DE JESUS

**MULHERES QUE SE RELACIONAM COM HOMENS  
COMPROMETIDOS: NARRATIVAS DE SI**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com Habilitação em Ciências Sociais e Humanas.

Defendida em: 18 / 04 / 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Dra. Kyara Maria de Almeida Vieira (UFERSA)  
Presidente

---

Professora. Dra. GILMARA JOANE MACÊDO DE MEDEIROS (UFERSA)  
Membro Examinador

---

Graduada LIDUINA MENDES MARQUES SOUZA (IESM)  
Membro Examinador

Dedico este trabalho às mulheres que, como eu, sentiram, em algum momento, dúvida, tristeza ou culpa por vivenciarem a situação de amante, sem compreender que os fatos que escapam do seu entendimento têm, na verdade, razões sociais para além do seu controle.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Francisco Henrique dos Santos (in memoriam), meu primeiro mestre, nas letras e na vida, de quem herdei características marcantes como simplicidade e honestidade e Maria Bezerra de Jesus, pelo amor incondicional, por me transmitir entusiasmo e coragem, para superar as dificuldades e alcançar mais esta meta.

À minha família: irmãos, cunhados/as, sobrinhos/as, filhos/as, genros, nora e netos, que no ir e vir do dia a dia, no passar das semanas e meses durante esse tempo dedicado ao estudo, me apoiaram, cuidaram e participaram cada um ao seu modo, para que hoje eu tenha em mãos este fruto: vitória!

Agradeço à banca examinadora: Profa. Gilmara Joane Macêdo de Medeiros, Liduina Mendes Marques Souza, por ter aceitado o convite e pela disponibilidade em contribuir com minha formação;

Agradeço a minha orientadora Kyara Maria de Almeida Vieira, pelo apoio durante a realização desta pesquisa, pelo que representa para mim no âmbito intelectual, científico e humano e pelo privilégio de trabalhar com alguém cheia de entusiasmo e ética;

Agradeço aos professores e professoras do curso de Licenciada em Educação do Campo, responsáveis diretos pelo conhecimento adquirido e ascensão enquanto pessoa e profissional;

Agradeço aos meus colegas da turma 2013.2, do curso de Licenciatura em Educação do Campo, com quem partilhei momentos de aprendizagem e lazer, em especial a Antonia Marinho, companheira de lutas e de ajuda mútua no decorrer da caminhada;

Agradeço aos meus amigos mais íntimos, Edite Francinete, Paulo, Patrício e Teresinha, sem os quais a vida não teria o mesmo sentido.

Por fim, agradeço a Deus, que esteve presente na figura de cada uma dessas pessoas e que, segundo as suas riquezas, supre todas as minhas necessidades.

A todos e a todas, dedico os versos abaixo:

O amor é tão poderoso como a morte;  
E a paixão é tão forte como a sepultura.  
O amor e a paixão explodem em chamas e queimam como fogo furioso.  
Nenhuma quantidade de água pode apagar o amor, e nenhum rio afogá-lo.  
Cantares 8:6-7

O AMANTE (Martha Medeiros - 1990)

Ele não é meu  
porque não dorme comigo  
mas também não é amigo  
porque me beija e me vê despida  
não é meu marido  
mas telefona e reparte um passado  
que eu queria também ter vivido  
não é meu porque não tem roupas  
penduradas ao lado das minhas  
não tenho dele um retrato  
não passa comigo um domingo  
jamais ganhei um presente  
que não fosse de seda rendada  
eu sou a preferida  
de um homem comprometido  
queria não ser um perigo  
uma bomba que pode explodir  
e deixar outra mulher arruinada  
ele é o terrorista  
eu o alvo escolhido  
preferia aceitar um pedido  
fazer nada escondido  
mas ele não é meu marido  
não é namorado, não é bom partido  
não pode andar ao meu lado  
não sabe a que horas acordo  
não racha as contas comigo  
não fica para ouvir um disco  
não é exigido, não é meu parente  
e anda sumido  
nada é mais deprimente  
quando chamo seu número ela atende  
e eu desligo.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar a experiência de mulheres do Oeste Potiguar que tiveram relação afetivo-sexual com parceiro comprometido ou em união estável. A pesquisa é de natureza qualitativa, e foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com três mulheres do município de Serra do Mel-RN, gravadas em áudio e transcritas para análise. O marco conceitual dialoga com as categorias de gênero, família identidade, amante, infidelidade, sexualidade, feminino/feminilidade, masculino/masculinidade, à luz de autores como Louro (1997), Scott (1989; 1992); Del Priori (2004; 2006; 2011), Goldenberg (2009), Zampieri (2004), Vieira (2006), dentre outros. Para isto, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo tem por objetivo apresentar categorias de análise, metodologia da pesquisa, referenciais com os quais dialogamos para a confecção dos demais capítulos. O segundo capítulo analisa as representações que as mulheres “amantes” têm de si mesmas. O terceiro capítulo visa a discutir as relações familiares protagonizadas por mulheres amantes de homens casados. A pesquisa mostra que a categoria “amante” é composta por mulheres capazes de quebrar estereótipos e desafiar os padrões de moralidade social, assumindo-se como mulheres que tem sexo, desejo e potencial para decidir como querem ser e viver.

**Palavras-chave:** Mulher. Identidade. Sexualidade. Amante. Oeste Potiguar.



## SUMÁRIO

|                                                                         |           |
|-------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                 | <b>9</b>  |
| <b>1 O SER/ ESTAR AMANTE: DO CONCEITO ÀS REPRESENTAÇÕES DE SI .....</b> | <b>13</b> |
| <b>2 MULHERES AMANTES COM A PALAVRA .....</b>                           | <b>19</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                        | <b>29</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                | <b>31</b> |
| <b>ANEXO.....</b>                                                       | <b>33</b> |
| <b>APÊNDICE .....</b>                                                   | <b>34</b> |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre mulheres que se relacionam com homens comprometidos com outras mulheres. É um trabalho pioneiro e instigante por tratar de um grupo específico de mulheres que, apesar dos seus potenciais e das possibilidades de mudanças, permanecem na condição que a cultura significa como amantes, sendo “as outras”. Na linguagem jurídica, o termo amante serve para indicar as pessoas que mantêm relações sexuais de modo clandestino e ilícito (SILVA, 2005, p.102). Identificar-se como amante na perspectiva de Goldenberg (2009) é não se valorizar, não ter amor-próprio suficiente. É considerar-se negativamente. Tal visão contrapõe-se à de Queiroz (2005), que se refere às mulheres do cangaço como amantes, atribuindo-lhes qualidades, tais como: bravura, coragem, carinho, resistência e confiança.

Algumas estudiosas têm mostrado que a problemática da traição e da infidelidade no casamento são temas recorrentes (SCOTT, 1992; 1995; LOURO, 1997; HEILBORN at. all, 2005; DEL PRIORI, 2004; 2006; 2011; SAFFIOTI, 2001; 2004; ARAÚJO, 2016), mas o peso social do ser/estar amante sobre o corpo feminino o condena e oprime, diferentemente do que ocorre com o corpo masculino, a quem é dado e assegurado o poder de gênero sobre si e sobre o outro. Isso favorece a concessão dos privilégios masculinos e intensifica as desigualdades entre homens e mulheres. Esses estudos, assim como este, estão pautados em discussões que buscam entender a história da construção dos papéis sexuais para homens e mulheres e são um convite à reflexão dessa e de outras questões que envolvem a relação entre homens e mulheres, demarcadas pelo entorno da sexualidade.

A pesquisa é de natureza qualitativa e teve como objetivo geral problematizar a realidade dessas mulheres e como elas se percebem na relação amorosa, cujos parceiros sejam comprometidos com outras mulheres. Para isso foram traçados os seguintes objetivos específicos: 1. Entender as representações que essas mulheres têm de si mesmas; 2. Analisar as relações familiares protagonizadas por mulheres amantes de homens casados. Os dados foram coletados no município de Serra do Mel-RN, no Oeste Potiguar, por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com Alexandra, Wigna e Liduina<sup>1</sup>, a fim de chegar a uma percepção acerca das experiências dessas mulheres, de como se sentem e de como se identificam.

Para analisar as experiências masculinas e femininas utilizamos o termo “gênero”

---

<sup>1</sup>As nossas colaboradoras assinaram o Termo de Livre Consentimento, dando ciência do que se trata a pesquisa e dando permissão para que suas narrativas constassem em nosso trabalho de conclusão de curso.

que, de acordo com Scott (1989, p. 86) “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. O gênero é determinado em função das diversas formas de se “[...] abordar as relações de dominação, de igualdade ou de desigualdade entre homens e mulheres” (ROUDINESCO, 2003, p.15). As diferenças de gênero não são determinadas pelo biológico, pois aprendemos social e culturalmente a sermos homens e mulheres, adquirindo hábitos e comportamentos que nos diferenciam. Ser mulher significa ser diferente de ser homem, sendo ensinada a apoderar-se de características que nos tornem frágeis, meigas, delicadas e submissas, aquelas preparadas para serem esposas e mães de família.

Estas características são “necessárias” para uma mulher, fazer parte de uma moral, de uma ética e de uma estética que é compreendida e melhor aceita pela sociedade, demarcando assim os papéis sociais que devem ser assumidos por homens e mulheres. O homem também é marcado pelos papéis do gênero na construção do seu tornar-se homem, ou seja, racional, dominador, provedor, forte, heterossexual e controlador. Isso acontece para que este reaja, tornando-se violento, agressivo e capaz de dominar. Saffioti (2004) aponta a necessidade de utilizarmos a categoria de gênero associada ao conceito de patriarcado, pois este problematiza as relações de dominação-submissão e o modo como elas se estabeleceram.

No contexto social pesquisado, a relação que se sobressai é a de desigualdade, que prioriza o masculino, permitindo uma sobreposição dos direitos do homem sobre os direitos da mulher. A submissão é internalizada a ponto de se tornar banal e em alguns casos, maior que o amor próprio, pois algumas mulheres passam a valorizar os companheiros em detrimento de si mesmas.

Essa condição de submissão e aceitação de ser o sexo frágil, determinada simplesmente por ser mulher, inicia-se na família, onde os papéis de cada indivíduo vão se construindo de modo diferenciado. A mulher deve lavar, passar e, entre outras coisas, submeter-se ao homem, independentemente da posição que ele ocupe, chegando ao extremo de, em algumas sociedades, serem meramente objeto de prazer. A família é uma entidade socialmente constituída, cujos membros possuem vínculos consanguíneos ou de afinidades (casamento ou adoção), reconhecida como universal e necessária. “Cabe à família produzir indivíduos autônomos que, por sua vez reproduzam os valores preeminentes do núcleo familiar” (HEILBORN et.al, 2005, p.10).

Além dessa influência familiar, o Estado e a igreja também interferem na forma

como as pessoas se reconhecem. A igreja, historicamente comunga dos mesmos princípios, tratando os seres de maneira linear e fixa. No entanto, a família, ao renovar-se, rompe com esses princípios, ao contrário da igreja, que tenta mantê-los a todo custo. O Estado, por sua vez, normatiza o modo de ser dos indivíduos através de leis e códigos que reproduzem e reafirmam o que a família ensina.

De acordo com Vieira (2006) identificar-se ou não como membro de um determinado grupo é assumir representações de si que não são fixas, nem imutáveis. Assumir identidade é perceber-se em posições assumidas na produção de si enquanto sujeito do desejo. Implica dizer que a identidade do sujeito é complexa por este não ser uno e plenamente estável, e isso inclui a sexualidade e o desejo. “Se admitirmos que todas as formas de sexualidades são construídas, que todas são legítimas, mas também frágeis, talvez possamos compreender melhor o fato de que diferentes sujeitos, homens e mulheres, vivam de vários modos seus prazeres e desejos” (LOURO, 1997, p. 82).

Sobre a fixidez das identidades, e o questionamento a essa propositura, Vieira (2006, p. 13) afirma que “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu coerente’, muitas vezes experimentando contradições entre as identidades que esse sujeito assume ou pode vir a assumir”. Assim, existem posições antagônicas que geram conflitos e possibilitam as contradições de identificação.

Sobre essas contradições, a experiência da monogamia quando pensada para o feminino e para o masculino, assume significados distintos. De acordo com Zampieri (2004, p.156), “[...] na prática contemporânea judaico-religioso-cristã ocidental o casamento é quase sempre monogâmico”. Quando realizada pelo homem, a quebra da monogamia (a infidelidade) é aceita e perdoada, porém, se praticada pela mulher não é aceita com facilidade. O reconhecimento do homem como dominador das relações naturaliza a infidelidade conjugal, que se configura como “[...] uma quebra de confiança e o rompimento do acordo conjugal sobre a exclusividade sexual no relacionamento monogâmico” (ZAMPIERI, 2004, p.155).

A infidelidade feminina<sup>2</sup> compromete a honra masculina, ou seja, nome, fama, distinção e dignidade. Para ter valor, a honra devia ser reconhecida socialmente. “No Brasil, a infidelidade da mulher representada como crime é histórica, e tem suas diferenças nas relações entre o masculino e o feminino” (ARAÚJO, 2016, p. 105). Os homens podem ter

---

<sup>2</sup> Judicialmente, a infidelidade já foi causa para excluir a punibilidade: defesa da honra e violenta paixão. Já foi causa para o não reconhecimento da paternidade.

mulheres enquanto amantes, mas elas não podem tornar-se amantes, uma vez que a honra masculina depende mais do comportamento da mulher do que do comportamento do homem. De acordo com Del Priore (2011, p. 12) o corpo da mulher não deveria apresentar-se como sensual ou erótico, mas “[...] como instrumentos de trabalho de um sexo que devia recolher-se ao pudor e à maternidade”. Em concordância com essa ideia, Araújo (2016, p. 265) expõe que há o fortalecimento da “[...] pedagogia do corpo feminino para ser virgem, puro, casto e, assim poder zelar a honra masculina”.

A responsabilidade de zelar pela honra masculina e controlar suas práticas sexuais, leva as mulheres a não serem vistas com honra própria e alimentar o ideal do casamento monogâmico como um sonho do gênero feminino, à espera de encontrar no homem o príncipe encantado, capaz de proteger e prover as expectativas de mulheres e crianças. Isso não significa que as mulheres aprovem esta ideia enraizada na nossa cultura ou que obedecem às normas instituídas e se resguardam para o casamento e constituição de uma família heterossexual. Porém, aquelas não inseridas nesse modelo, que optam por serem solteiras ou sem compromisso conjugal, causam estranhamento e são socialmente estigmatizadas, tornando-se marginal sem cometer crime e sendo vistas como ameaça à sociedade. De forma particular, prostitutas ou garotas de programas que enfrentam preconceito e discriminação pelo exercício de sua profissão e as amantes que ainda são incompreendidas e invisibilizadas.

Para problematizar essas questões, esse trabalho se constitui de uma introdução, dois capítulos de análise e discussão dos resultados e de uma conclusão. O marco conceitual dialoga, além da categoria de Gênero, com as categorias de Família, Identidade, Amante, Infidelidade, Sexualidade, Feminino/Feminilidade e Masculino/Masculinidade, consideradas úteis para compreensão deste trabalho. Como fundamentação teórica foram utilizados os estudos de Scott (1989; 1992), Louro (1997), Del Priore (2004; 2006; 2011), Goldenberg (2009), Matos (2004), Zampieri (2004), Vieira (2006), Melo (2010), dentre outros que abordam questões relacionadas a essas categorias. No segundo capítulo apresenta-se o perfil das mulheres entrevistadas, sua história de vida e inserção em diferentes contextos sociais. No terceiro, as discussões giram em torno dos relatos das experiências por elas vivenciadas, acerca de suas famílias, suas paixões e seus dilemas.

Feitas tais considerações, contextualizada nossa pesquisa, passemos à apresentação e discussão dos capítulos que delineiam este trabalho monográfico.

## 1. O SER/ ESTAR AMANTE: DO CONCEITO ÀS REPRESENTAÇÕES DE SI

Neste capítulo pretendemos traçar o perfil das mulheres entrevistadas, seus pontos de vista sobre sua história de vida e inserção social nos contextos familiar, religioso, político e jurídico; as principais polêmicas travadas com as interpretações e concepções da sociedade acerca dessas mulheres, assim como suas contribuições para a reconstrução do pensamento sobre a imagem das mesmas por meio de relatos sobre paixões, prazeres, conflitos, autoestima, anseios e expectativas de vida.

Uma das posições que norteiam e respaldam o trabalho é a de Del Priore (2006), para quem a história de vida das mulheres não é só delas, visto que inseridas no seio social, sua história torna-se, também, a história “[...] da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura”. Segundo a autora, tratar da história da mulher é tratar “[...] da história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos” (DEL PRIORE, 2006, p. 7).

As mulheres que se relacionam com homens casados são denominadas pela sociedade de forma pejorativa por expressões como prostituta (DIMENSTEIN, 1992), amantes (NASCIMENTO, 2015; GOLDENBERG, 2009), cortesãs, cocotes e putas (DEL PRIORE, 2006); e outras como rapariga, quenga, puara, cunhã, piranha, etc. Dentre esses, o que merece destaque neste trabalho é o termo amante, que ao longo do tempo foi ressignificado e não tem a mesma carga semântica que os demais. Entendemos que um dos motivos para a atenuação do teor negativo para este é a configuração sofrida pela família ao longo da história. É uma questão cultural, pois depende do meio em que se está inserido e do ponto de vista de cada um/a.

Sobre as configurações do termo amante, Rosa (2001, p. 58) afirma que “[...] prostituta é a suja [...], a amante é a que recebe o sentimento, o carinho, os presentes, a atenção na cama, características ausentes (com o tempo) no casamento rotinizado”. Para Del Priore (2006, p.209), “[...] na tradição cristã que vinha desde os tempos da colônia, a prostituta estava associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato”.

Goldenberg (2009) trabalha com a categoria “outra” e não com a categoria “amante” e faz distinção entre elas. Para ela, “[...] a outra é uma categoria relacional, manipulável, enquanto que a amante sugere um papel fixo”. Para explicar melhor essa afirmação,

utilizamos um trecho da canção “A outra”, composta por Ivan Lins e Vitor Martins, interpretada por Simone<sup>3</sup>:

[...]  
 Existe a outra,  
 A que gera os filhos,  
 A que chora os rios,  
 Que costura e borda,  
 Faz comida, engorda,  
 Pra que eu te afague  
 Com essas mãos macias,  
 Pra que eu te entregue  
 Meus melhores dias.  
 Existe a outra,  
 [...]

No trecho acima a categoria “outra” é atribuída à esposa pela amante, na tentativa de valorizar-se em detrimento da esposa e com o objetivo de fugir das acusações e discriminações sociais, constatando, portanto, que a referida categoria é manipulável, conforme afirma Goldenberg (2009, p. 57).

Se assumir-se como amante para a sociedade é uma questão polêmica, viver plenamente a sexualidade é ainda mais desafiador. Segundo Louro (1997, p. 25) é “[...] importante estabelecer algumas distinções entre identidades de gênero e identidades sexuais”. As identidades sexuais permitem que os sujeitos possam exercer suas sexualidades de diferentes formas (duplas heterossexuais ou homossexuais, um dos pais e filhos, casal jovem ou idoso com ou sem filhos, etc.), satisfazendo, assim, seus desejos e prazeres corporais. A autora sustenta que “[...] as várias formas de sexualidade e de gênero são interdependentes, ou seja, afetam umas as outras” (LOURO, 1997, p. 49).

Este é um assunto ainda tratado com certo tabu e bastante limitado pelos padrões sociais. Quem foge desses padrões sabe que tem um “preço a pagar” e o medo da incompreensão faz com que muitas pessoas não vivam sua sexualidade como desejam.

Entrevistei três mulheres que se relacionaram ou se relacionam com homens casados e que se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa, relatando sua própria história, quase sempre mantida em segredo. Uma delas deu livre consentimento para usar o seu verdadeiro nome - Liduina, enquanto que as demais optaram por usar pseudônimo - Alexandra e Wigna, e sobre estas algumas informações não foram colocadas aqui para preservar suas identidades.

Alexandra<sup>4</sup>, paraibana, mora em uma das vilas da Serra do Mel-RN, declara-se concubina. Tem marido, um filho e uma filha. Possui nível médio, Técnico de Enfermagem e

---

<sup>3</sup> Música do Álbum Cristal, lançado pela cantora em 1985.

superior em Pedagogia. É funcionária pública municipal e atua como assistente administrativo. É evangélica não praticante e acredita que a sua relação extraconjugal é um passatempo, conforme exemplificado: “Porque é uma coisa que não vai muito adiante. Eu percebo isso. É mais um passatempo” (ALEXANDRA, 2017, p. 5).

Liduina<sup>5</sup>, nascida em Mossoró- RN, mora na Vila Brasília/Serra do Mel-RN, é divorciada, tem três filhas. Possui nível médio Técnico de Enfermagem e superior em Pedagogia. É funcionária pública municipal e atua como auxiliar de serviços gerais. É evangélica e congrega na Assembleia de Deus. Considera a relação extraconjugal uma aventura, conforme exemplificado: “Eu sabia, consciente, que era uma aventura” (LIDUINA, 2017, p. 5).

Wigna<sup>6</sup>, nascida numa cidade de interior do Rio Grande do Norte, mora em uma das vilas Serra do Mel-RN, é solteira, tem dois filhos e uma filha. Possui nível médio Técnico em Auxiliar de Enfermagem e cursos profissionalizantes de arte e decoração, babá e de ornamentação de eventos. É funcionária pública estadual e atua como auxiliar de serviços gerais. É evangélica não atuante e considera a relação extraconjugal como relação momentânea e encontros casuais, conforme exemplificado: “Era só encontros mesmo, semanais e, às vezes, quinzenais. Quando dava certo, também” (WIGNA, 2017, p. 6).

As três se aproximam no aspecto de formação, da atuação profissional e religiosa e nas relações que mantêm com os homens casados, ou seja, ocupam espaço secundário e transitório na vida dos parceiros. Todavia, há diferenças em suas trajetórias.

No contexto familiar, todas têm filhos, pais, irmãos, mas somente os familiares de Liduina sabiam dos relacionamentos extraconjugais e aceitavam em parte, talvez por saberem das agressões sofridas pela mesma durante catorze anos, sem que eles tivessem conhecimento, até a separação do seu primeiro esposo.

Os familiares de Alexandra não sabem do seu relacionamento paralelo e ela mantém em segredo por saber que eles não aceitam e por considerar a relação um mero passatempo. Wigna, por sua vez, não teve relacionamentos duradouros, admite estar bem em ser solteira e não cogita de forma alguma a ideia de casar-se: “[...] Eu gosto de viver solteira. Eu gosto de ser solteira” (WIGNA, 2017, p. 14). Seus familiares não concordam com o modo de vida que a mesma tem, mas não interferem nas suas decisões.

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada no dia 20 de Maio de 2017 pela pesquisadora/graduanda Maria Francineide Henrique de Jesus.

<sup>5</sup> Entrevista realizada no dia 21 de Setembro de 2017 pela professora pesquisadora/orientadora Kyara Maria de Almeida Vieira e pela pesquisadora/graduanda Maria Francineide Henrique de Jesus.

<sup>6</sup> Entrevista realizada no dia 06 de Dezembro de 2017 pela pesquisadora/graduanda Maria Francineide Henrique de Jesus.



Tais posturas, de certa forma mostram que, embora a estrutura familiar tenha avançado significativamente, a concepção que a família e a sociedade têm acerca da mulher que se relaciona com homens casados, não avançou tanto assim. Vale salientar que até o início do século XX as separações conjugais e relacionamentos extraconjugais eram socialmente intoleráveis. De lá para cá, a trajetória familiar é marcada não só pelo amor livre e fora do casamento, mas também pela participação da mulher em outros espaços sociais, por meio da política e do trabalho, dentre outros (GOLDENBERG, 2009, p. 71 e 72). No entanto, tais conquistas ou tais mudanças não se deram/dão de forma rápida, simples e fácil.

Dentro dessa nova realidade, destacamos o arranjo conjugal de Alexandra e seu parceiro. Ambos são casados com outras pessoas e mantêm com elas relacionamentos conjugais socialmente consolidados, mas existe entre eles uma relação amorosa, sigilosa e instável. Nesse arranjo amoroso, caso venha a ser descoberto, a posição do homem, no papel de “amante”, terá pouca ou nenhuma desaprovação social, enquanto que ela será duplamente responsabilizada, por trair o marido e seduzir o marido alheio. É sobre ela, a “outra” que recaem todas as impugnações sociais.

Sobre essa situação, Araújo (2016, p. 255) argumenta que “[...] a traição feminina é considerada [...] uma devassidão, enquanto que a traição masculina é explicada pela culpa da bebida ou do desejo”. A traição tem dois pesos, um para o homem e outro para a mulher, de forma que a dor da traição é culturalmente construída como desonra e desmoralização para o homem traído, recaindo toda a culpa sobre a mulher que trai, acusada de “devassa” (ARAÚJO, 2016), mas desculpando-o quando trai e abusa da dor feminina.

Quanto à religião, todas professam o mesmo credo, mas apenas uma se diz praticante. Segundo a pesquisa, a religião não tem peso nas suas ações e decisões, quer nas relações conjugais, quer nas extraconjugais. Essa afirmativa tem base nas próprias declarações das colaboradoras, principalmente nas de Liduina, que deixou a vida de amante não por questões religiosas, mas por questões sociais preconcebidas e resultantes de sua experiência como esposa. O credo religioso não inibe ou elimina a vida de amante ou a relação amorosa de Liduina: “Mesmo evangélica não deixei de ‘andar’<sup>7</sup> [...] Não dancei mais, não bebi, também já não bebia mais há oito anos” (LIDUINA, 2017, p. 40).

Do ponto de vista institucional, a condição dessas mulheres ainda não é aceita. Constitui uma nódoa, sendo algo imperdoável. O contexto religioso, na sociedade brasileira é composto por valores e comportamentos que tratam a sexualidade e a relação familiar com

---

<sup>7</sup> O termo ‘andar’ nesse contexto de fala está referindo-se à prática de sair, de ir a lugares em que haveria a possibilidade de namorar, encontrar um parceiro e com ele manter algum tipo de relação afetivo-sexual.

certas negociações e proibições, como por exemplo, o não reconhecimento por parte das igrejas do casamento civil isolado do religioso.

Para o contexto jurídico é flexível, pois reconhece várias situações, quer sejam conjugais, quer não; e ampara legalmente quem se encontra dentro do constitucionalmente permitido. De acordo com Vieira (2015), para quem as relações de união estável paralelas são chamadas de putativas, tais relações têm sido reconhecidas no direito brasileiro. Segundo Ferreira (2009), com as mudanças ocorridas no Código Civil em 2002, a união estável não oficializada pelo casamento passou a ser amparada pela legislação, dando certo amparo jurídico para quem vive nessa situação. Diz que o direito deve acompanhar os anseios sociais, não ficando inerte e que apesar disso as uniões estáveis ainda são bastante discriminadas pela sociedade (FERREIRA, 2009, p. 43-44).

Do ponto de vista político ser a pessoa extra da relação conjugal é submeter-se, politicamente, à opressão social e cultural, ficando à margem, sujeita a represálias. Ser amante é motivo de escândalo. O casamento monogâmico é tido como modelo ideal por funcionar respondendo a critérios da sociedade privada, com garantias patrimoniais para os seus membros. Pessoas casadas parecem ter donos. A família monogâmica tem no homem o provedor e dele a mulher deve aceitar a superioridade. Monogamia é exclusividade conjugal. É um princípio que limita os desejos e que pode ser aceito ou não como conduta. “Está presente na grande maioria dos ordenamentos jurídicos existentes [...]. Essa tradição ocidental, social, espera que as pessoas conduzam suas vidas afetiva e sexual aos pares” (MELO, 2010, p. 10).

A ideia de que o casamento era o único meio para formação de família foi desvinculada pela Constituição da República de 1988. Segundo Vieira (2015, p. 3), com a nova Constituição, “[...] além do matrimônio, foram reconhecidas como entidades familiares as uniões estáveis e as comunidades formadas por qualquer dos pais e seus filhos, as quais merecem igual proteção do Estado”. Pela legislação, atualmente é possível se escolher o modelo de família que mais satisfaz e cabe ao Estado protegê-la. As famílias paralelas ou simultâneas existem há bastante tempo, mas algumas eram ignoradas por falta de amparo legal e social. Hoje, embora sem o mesmo reconhecimento jurídico que o casamento civil, a união estável é reconhecida como entidade familiar. E o concubinato, que é construído pelo homem ou mulher que já é casado ou vive em união estável, é visto como união clandestina, instável, não sendo reconhecido como entidade familiar.

Desta feita, finalizando esse capítulo, é possível dizer que a pesquisa permite repensar as representações sobre as mulheres que tem relações com homens comprometidos não

apenas porque rompe com o imaginário de que todas as mulheres têm o sonho do casamento, ou porque o que as move para essas relações em que serão “amantes” são necessidades financeiras, ou a “falta de vergonha”. Além disto, demonstra também que as definições conceituais acerca dessas práticas da sexualidade do sujeito “amante” não dão conta da multiplicidade de significados que esses próprios sujeitos atribuem a si próprias. Essas mulheres não se resumem a serem “a amante”, “a outra”. Elas ocupam inúmeras outras identidades e tem potencialidades que as permitem ter uma existência marcada pela coragem, pela força, pela persistência em busca de sua felicidade.

## 2. MULHERES AMANTES COM A PALAVRA

Este capítulo tem por objetivo analisar as relações familiares protagonizadas por mulheres amantes de homens casados e entender as representações que essas mulheres têm de si mesmas. As reflexões se apoiam nos estudos de Carvalho (2013) que trata da família matrimonializada, de suas novas reconstruções e de seu reconhecimento perante o seio social. São estudos que trazem contribuições acerca dessas reflexões, sob a ótica dos princípios da igualdade, da dignidade humana e da liberdade, considerando os membros formadores da família de forma atomizada, como seres humanos dotados, individualmente, de garantias e direitos fundamentais, pouco importando o modelo em que foi constituída (CARVALHO, 2013, p. 8-10).

Ao ouvir relatos das mulheres que colaboraram com a pesquisa, percebi que as histórias narradas trazem valores, crenças, concepções e expectativas sociais. Nas três histórias pesquisadas aparecem fragmentos de diferenças entre homens e mulheres, que resultam em conflitos e tensões e isto tem a ver com as nossas práticas sociais. Cada uma à sua maneira vive situações conflituosas. Alexandra (2017, p. 5) tem interesse em manter o casamento por ser o vínculo que lhe dá segurança. Omite da família a relação extraconjugal: “Eles não sabem” e planeja o futuro com os filhos e o esposo: “Eu tenho planos com minha família, meu marido, meus filhos” (ALEXANDRA, 2017, p. 4).

Liduina se impôs e lutou, mostrando que ser mulher não a torna inferior e sujeita aos caprichos do ex-esposo. Ela foi casada durante dezenove anos, dos quais catorze viveu consideravelmente bem. Os demais anos foram marcados pela traição do esposo, ocorrida dentro do próprio lar e uma relação estremecida: “Eu passei uma vida de catorze anos casada de uma maneira; catorze anos eu era uma mulher e de cinco anos eu fui outra mulher” (LIDUINA, 2017, p. 9). Passou a cuidar de si e a perceber-se como mulher: “Eu passei a cuidar de mim e não se [SIC] importar mais [...]. Passei a escutar minhas músicas que eu gostava- música brega [...], cortei as minhas roupas, arrochei, fiz shorts curtos, passei a usar, cortei o cabelo” (LIDUINA, 2017, p. 10). Após separar-se, viveu intensamente o papel de amante, mas sempre procurando voltar à posição de esposa, papel que ocupa hoje na sociedade.

Ela percebeu que queria e poderia ser diferente. Para ela o casamento como realização é uma contradição: mesmo casada, não ama o atual marido, mas diz-se realizada. Liduina casou jovem, sem experiência, ela diz: “[...] casei sem conhecer muito da vida, fui mãe com

dezessete anos, aí vivi só para minhas filhas e para ele [...]” (LIDUINA, 2017, p. 9). A traição não extinguiu o sentimento de amor nutrido por ela para com o esposo, expresso nas palavras: “Hoje eu sei que eu amei na minha vida e sei também que eu nunca mais vou amar. Nunca mais” (LIDUINA, 2017, p. 12).

Essa fala de Liduina encontra sentido nas reflexões de Del Priore (2006), quando discute e define o amor idealizado, que é o amor burguês, como “[...] irremediável necessidade que se tem de alguém [...], sentimento que, como diz o poeta, pode ser tão violento, tão terno, tão desesperado, verdadeiro, belo, e depois, tão pisado, tão machucado e esquecido. Histórias desse amor para sempre e, também, histórias de amor para nunca mais” (DEL PRIORE, 2006, p. 14).

Quando questionada sobre a atual relação Liduina afirma: “O homem que eu estou hoje [...] ele poderia ser o homem para amar, mas eu não consegui, tá [SIC] perto de fazer dois anos, até hoje eu não consegui amar, ainda” (LIDUINA, 2017, p. 12). Na entrevista ela não mais concebe o amor idealizado a que esteve confinada.

O que hoje chama de vida a dois “[...] é o conjunto de várias coisas. Não só sexo. Tem o amor [...], respeito, carinho, companheirismo, aí tem o sexo” (LIDUINA, 2017, p. 35), sendo que na atual relação, desse conjunto de coisas que ela considera importante somente o amor não está presente. Essa afirmação de Liduina comunga com as ideias de Del Priore (2006), quando declara que o amor dito idealizado, chamado amor romântico, envolto numa ideia de união mística entre os amantes ou cônjuges não se sustenta, pois “O amor não é ideal [...], traz consigo a dependência, a rejeição, a servidão, o sacrifício e a transfiguração” (DEL PRIORE, 2006, p. 340).

Por essa razão, Liduina afirma: “Não queria mais casar. A responsabilidade do casamento é muito grande [...]” (LIDUINA, 2017, p. 7), ao mesmo tempo em que aconselha: “O que puder fazer pelo seu casamento faça. Vale a pena, porque a vida da mulher solteira não é fácil” (LIDUINA, 2017, p. 23). As afirmações parecem conflituosas e paradoxais; no entanto, são indicativas das experiências de quem sofreu na pele a desqualificação moral, social e afetiva que a mulher identificada como “a outra” poderia sofrer. Embora com alguns avanços, ser a “outra” ainda é motivo para discriminação e exclusão social. Querer casar não está associado ao quanto é bom casar, mas, a evitar as dificuldades da vida de solteira. A responsabilidade do casamento, mesmo sendo grande, é ainda mais suportável que a vida de uma mulher sem esposo.

Wigna, membro de uma família constituída na sua maioria por mulheres, é experiente em relacionamentos não tão duradouros e estáveis. Entre quatro irmãs foi a única que optou

por não casar. Prefere relações amorosas em que possa manter sua liberdade e individualidade preservadas e diz fugir de qualquer outro tipo de relação que a subordine ou limite. Ao ser interrogada se foi casada, Wigna afirma: “Não. Eu sou solteira oficialmente! Nunca casei não, graças a Deus! Tive meus filhos, tipo produção independente e nunca quis casar, não. Esse negócio de casamento não dá para mim não” (WIGNA, 2017, p. 2). Ela rompe com a ideia do casamento como sendo o maior sonho feminino, o nosso destino social e os filhos como produção independente são exemplos de uma experiência de maternidade diferente do que prega a cultura judaico-cristã ocidental.

As três mulheres entrevistadas falam de ter vivido experiências como amantes e acreditam ocupar um espaço significativo na vida dos seus parceiros, mas sem a premissa de tornarem-se esposas. Sempre souberam das relações estáveis dos seus parceiros e se envolveram com eles sem a preocupação em cumprir o papel esperado pela sociedade. Wigna vivencia o amor sem amarras, sem se enquadrar nos códigos culturais atribuídos às mulheres, enquanto que a relação matrimonializada de Alexandra é um exemplo do amor burguês, pois mesmo infiel, se enquadra nesses padrões, como esposa e mãe dedicada. Alega que mantém uma relação paralela impelida por um sentimento de infância: “Conheci na infância, tivemos um namorico e aí quando adultos [...] reacendeu” (ALEXANDRA, 2017, p. 3). Sem perspectiva futura, nada espera dessa relação, mas não a deixou.

Alexandra tem interesse em manter o casamento por acreditar que é o vínculo que lhe dá segurança. A única coisa que a incomoda é não poder, por convenções sociais, viver a condição de amante publicamente. Se pudesse apresentaria o marido e o amante: “O que me deixa mais insatisfeita é porque a gente não pode sair juntos, ficar à vontade” (ALEXANDRA, 2017, p. 5). Admite a condição de amante, mas esconde por ser casada e saber que a relação extraconjugal estremece a relação familiar, apesar das configurações atuais de família. Com isso ela quebra o ideal de que as mulheres são assexuadas, frígidas e alimentam “naturalmente” o amor romântico, envolto numa ideia de união mística, indissociável e monogâmica entre os amantes ou cônjuges.

Até os anos 80, “[...] O casamento e a sexualidade estiveram sob [...] controle da Igreja, da família, da comunidade. Só o sentimento, apesar de todos os constrangimentos, continuava livre. Podia-se obrigar indivíduos a viver com alguém, a deitar com alguém, mas não a amar alguém” (DEL PRIORE, 2006, p. 333). Mostrar a sexualidade era sinônimo de histeria e de outros distúrbios psíquicos. No entanto, tal controle institucionalizado não conseguiu evitar que os desejos e necessidades fisiológicas do corpo feminino aflorassem no

campo da sexualidade. Era esse controle que naturalizava as mulheres como assexuadas e frígidas, disponíveis para um amor passivo, para a satisfação dos desejos masculinos.

Wigna aceita a vida de amante sem cobranças e sem pressão: “[...] Convivência familiar a gente nunca teve não” (WIGNA, 2017, p. 6). Ela sabe que é um relacionamento duvidoso, que ficará sozinha em algumas datas especiais e feriados quando o companheiro estará com a família, e não se incomoda com essas ausências: “[...] Quando não passava o natal, passava o ano novo. Final de ano a gente foi para a praia juntos [...]. Não foi propriamente no dia primeiro, como é de praxe a pessoa passar primeiro dia do ano na praia, mas a gente foi quinze dias depois, só nós dois” (WIGNA, 2017, p. 10). Essa disponibilidade de estar num relacionamento com pouca participação cotidiana do companheiro, nos remete às constatações de Del Priore (2006, p. 339), acerca do amor livre, quando afirma que “[...] a liberdade amorosa tem contrapartidas: a responsabilidade e a solidão”.

Wigna tem convicção de que enquanto amante corre o risco de ser traída: “Se ele traiu a esposa dele comigo, então, com certeza ia me trair com qualquer outra” (WIGNA, 2017, p. 5). Contudo, rompeu a relação ao constatar que o companheiro ficou com outra e em meio aos conhecidos: “Eu me afastei definitivamente dele [...], ficar ali em cima de casa, todo mundo da rua sabendo que ele namorava comigo” (WIGNA, 2017, p. 5; 8). Ela se autor reconhece como namorada, mas também como amante, borrando a definição de que o ser amante se encerra no aspecto do desejo sexual sem laços mais afetuosos, como num namoro: “[...] Tive assim (...) um (...) é (...), um homem que eu convivi com ele durante quatro anos, aí tive mais um namorado que eu fiquei fixo quase três anos com ele e depois eu comecei com o amante” (WIGNA, 2017, p. 4).

Quando perguntada sobre a possibilidade de reatar a relação, afirmou: “Não sei a partir de amanhã, porque que a gente tem que viver cada dia como se fosse o último e não fazer planos, mas até o dia de hoje [...] não quero nada com ele não” (WIGNA, 2017, p. 5).

Liduina esteve na condição de amante com tudo que considera que amantes podem fazer, mas dela abdicou para viver uma relação totalmente oposta à primeira, no sentido de que o atual companheiro tem “qualidades” que o ex-marido não tinha: “Ele é o homem que eu nunca pensei nem que existisse [...], com as qualidades que ele tem. Ele não trai nem dormindo” (LIDUINA, 2017, p. 14). Enfatiza que o ex-esposo, além de trair, queria consentimento para ficar com as duas, ou seja, numa relação poligâmica: “- Não aceita ficar com as duas? - Não. Para eu ficar com você, você tem que nunca mais procurar ela. Aí até hoje, ele nunca disse que me escolheu” (LIDUINA, 2017, p. 27).

Liduina ficou muito magoada quando o então marido a traiu, pelo fato de ter sido com uma menina bem mais jovem que ela e dentro da própria casa, no lar, considerado um lugar sagrado: “A traição dele. Eu tinha trinta e poucos anos [...] descobri que fui traída por uma menina de dezoito anos [...], dentro da minha casa” (LIDUINA, 2017, p. 9-10). Após descobrir a traição, ela passou a agir estrategicamente para manter o casamento, evitando brigas, usando roupas sensuais, estando sempre sorridente e cuidando da aparência: “[...] Eu comprei muitas roupinhas de dormir, escandalosas, para vestir no dia que ele ia dormir lá em casa” (LIDUINA, 2017, p. 10), e tratando-o com amabilidade: “[...] a mulher que eu me transformei para ele. De boazinha, de queridinha, de ai, ai, ai” (LIDUINA, 2017, p. 25). Se pensar na lógica dos direitos iguais e da vingança, Liduina tinha motivos para trair o marido e não o fez por convenções sociais.

A quebra de compromisso ou infidelidade tem peso diferente para o homem e para a mulher, tanto na relação conjugal quanto nas relações paralelas. Liduina concebe o pensamento de que a traição no casamento é algo inadmissível por parte da mulher e naturalizado para o homem: “A sociedade não perdoa [...] mulher que passa chifre. Mas, os homens podem. Para a sociedade os homens podem” (LIDUINA, 2017, p. 44). Na condição de amante, admite a coexistência de mais de uma relação afetiva.

Viveu relações paralelas, sem que os parceiros tomassem conhecimento uns dos outros, desconsiderando tal comportamento como traição: “É como se não tivesse ninguém. Como se eu fosse solteira, livre para fazer o que eu quisesse. E eu fazia” (LIDUINA, 2017, p. 8). Para ela as relações paralelas e simultâneas não se configuram como traição por serem fora do casamento. Reforça o pensamento tradicional quando justifica e desculpa a traição do ex-esposo afirmando que: “Ele não era muito de fazer danação, mas talvez foi despertando com as brigas” (LIDUINA, 2017, p. 10), colocando-se como “culpada” da traição do esposo.

Ao condenar uma parenta muito próxima, que traiu o esposo, dizendo: “Isso aí fica marcado o resto da vida” (LIDUINA, 2017, p. 43), e mesmo não negando apoio à parente, não aceita o fato, considerando uma atitude imperdoável, o que reforça mais uma vez a marca da honra masculina a partir do corpo e das ações do feminino.

O fato de um homem ter uma ou mais mulheres em relações fora do casamento é algo naturalizado, esperado e elogiado. Quando Liduina descobriu a traição, o ex-esposo disse que tinha se apaixonado por outra e ainda perguntou se poderia ficar com as duas, ao que ela respondeu: “[...] Não. Para mim [SIC] ficar com você, você tem que nunca mais procurar ela” (LIDUINA, 2017, p. 27). Além de não se sentir culpado, ele ainda a ameaçava, alegando que, caso ela o deixasse, mesmo não o tendo traído, perderia o direito a casa onde moravam e ela



só não perdeu a posse porque procurou informação na justiça: “[...] eu fui esperta [...], fui saber se eu perdia o direito porque eu ia sair de casa” (LUDUINA, 2017, p. 28).

Os privilégios do masculino nos são repassados como fatos naturais e de forma despercebida, através dos aparelhos ideológicos institucionalizados como o Estado, a família e a igreja; da ciência e /ou das artes como a literatura e o cinema; ou da mídia, como o rádio, TV, revistas, jornal e a internet. Por isso podem ser reproduzidos por homens e mulheres, que os recebem, inconscientemente ou não, como valores culturais, embora sejam comportamentos contrários à igualdade de direitos para o homem e a mulher.

Diferimos nas histórias pessoais, cultura, religião, cor da pele, língua, modo de ver a vida, etc. Mas, em se tratando das práticas sexuais, a demonstração destas ainda é bastante coibida socialmente para as mulheres, embora existam formas diversas para se viver as relações pessoais e o desejo sexual. Esse silêncio cobrado das mulheres sobre a sexualidade aparece quando, das narrativas das nossas três entrevistadas, Liduina é a única que relata suas práticas e se assume como mulher com desejos, falando sem constrangimentos do antes e depois da separação, de como se portava no casamento e como passou a agir na condição de amante.

Antes da traição vivia para a família, no papel de mãe, esposa: “Era o comer que ele queria [...] A música, na minha casa, passou catorze anos ouvindo só música internacional, porque ele só gostava de música internacional [...]. Sexo era como se fosse uma obrigação do casamento [...] Era quando ele queria e pronto [...]” (LIDUINA, 2017, p. 10; 22). Com a traição veio o desejo de mudança e superação, buscando uma posição de igualdade ou dignidade e agindo como se espera e se permite que aja um homem: “A partir daí, eu passei a ser outra mulher. A cobrar minha vida amorosa e sexo. Não era só quando ele queria, quando eu queria” (LIDUINA, 2017, p. 10). Apesar das mudanças e das estratégias para apimentar a relação, o ex-esposo mostrava-se insatisfeito e acusava-a de ter destruído a vida dele.

A partir da infidelidade do marido, com a relação falida, Liduina passou a investir em outras relações: “[...] Aí eu fui chamar a atenção, aí eu fui vendo que alguém olhava, recebia elogio de vez em quando e isso para mim era bom [...]” (LIDUINA, 2017, p. 13). Passou a viver intensamente sua sexualidade: “[...] Eu já tive vários tipos de homem. Já fiz vários tipos de sexo, com homens diferentes e vários gostos” (LIDUINA, 2017, p. 35), sem deixar de lado alguns códigos morais: “Fiz muita coisa, mas nada a ponto de se (SIC) destruir, de acabar com meu nome. Fiz nada disso. Mas, aproveitei” (LIDUINA, 2017, p. 13). O “aproveitar” significa transgredir os códigos morais voltados para o feminino, sem perder de vista alguns cuidados e precauções com o próprio “nome”, a própria existência.

As mulheres têm avançado no seu processo de libertação social, mas a invisibilidade destas ainda ocorre em diversos setores (ambientes sociais, empresas, núcleo familiar etc.). A prática de papéis de comando ainda está bastante associada aos homens, a quem sempre foi dada autonomia e poder de decisão para ocuparem e liderarem os espaços sociais. A cultura pensa o homem “[...] Enquanto ser racional dotado de capacidade intelectual e moral para a direção dos negócios da cidade” (DEL PRIORE, 2004, p. 504) e relega a mulher ao segundo plano: “[...] feita para o casamento e para a maternidade, não deveria fumar em público ou comparecer a bares e boates desacompanhada” (DEL PRIORE, 2004, p. 504). Aquelas que apresentavam comportamentos espontâneos em público eram marginalizadas. Tomar atitudes, falar alto, mostrando saber o que quer e não depender de ninguém era permitido somente aos homens. Era costume se referir à mulher como sendo propriedade de um homem, nos termos: a “filha de fulano”, a “mulher de alguém”, a “mãe” de cicrano, etc.

As colaboradoras demonstraram que ter autonomia financeira garante maiores e melhores oportunidades de ocupar espaços sociais variados; ajuda na luta pela defesa dos direitos e é fundamental para o exercício da sexualidade. Tal independência permite lidarem melhor com o ciúme dos companheiros, reagirem mais contra a violência e resistirem ao preconceito socialmente enraizado. Sobre isso, Wigna afirma: “A vida é minha, quem gostar do jeito que eu vivo, bem; quem não gostar [...] Eu não vivo à custa de ninguém, eu que pago minhas contas” (WIGNA, 2017, p. 11). Liduina diz: “Eu não preciso de homem para me sustentar. Eu tenho uma casa para morar, meu dinheiro dá para sobreviver” (LIDUINA, 2017, p. 36). E Alexandra declara: “[...] Eu me viro com o meu salário” (ALEXANDRA, 2017, p. 4).

Outro fato constatado na pesquisa é em relação à intimidação, o uso abusivo da força física ou moral sobre o outro, ou seja, a violência doméstica que ocorre dentro de casa ou entre membros da mesma família, podendo acarretar consequências à saúde física e mental: “Batia, ele batia” (LIDUINA, 2017, p. 9). Além da repressão dos desejos sexuais, algumas mulheres ainda têm que conviver com a naturalização das relações violentas e escondê-las de seus familiares: “[...] Minha família descobriu que ele batia em mim com catorze anos de casados, foi quando eu vim contar à minha família, até catorze anos minha família não sabia” (LIDUINA, 2017, p. 11). Liduina alega que no início do casamento sentia muito ciúme do esposo e procurava saber tudo sobre o que ele fazia: “Eu era muito ciumenta no começo do casamento [...] aí teve a traição da parte dele” (LIDUINA, 2017, p.9). Durante os onze anos em que viveu como amante, jamais sofreu opressão: “Não. Dos outros eu nunca escutei uma palavra nem [...] nem alta” (LIDUINA, 2017, p. 37).

Alexandra não relatou nenhum tipo de violência, enquanto que Wigna afirmou conviver com atitudes preconceituosas que causam constrangimento e diminuem sua autoestima. “[...] A mulher, onde eu trabalhava [...] era preconceituosa [...] ela tinha mais medo de eu querer, de eu deixar e já que eu estava namorando com ele e ele era casado, eu me envolver também com o marido dela”. (WIGNA, 2017, p. 9 - 10). Esse é um exemplo de violência social recorrente, pois onde existem mulheres solteiras ou separadas, as esposas permanecem atentas e preocupadas em “proteger os maridos” de possíveis investidas.

A violência contra a mulher nos remete às relações patriarcais de gênero (SAFFIOTI, 2001; 2004) e pode avançar, alcançando estágios mais graves, como a violência doméstica no casamento, que acontece por diversos fatores, como desobediência, ciúmes, traição, descumprimento das atividades domésticas ou sexuais. Quando física, a violência atinge o corpo da vítima e quando simbólica, causa dominação, através de pressões psicológicas, ameaças, gritos, acusações falsas: “[...] Ele chegava quebrando as coisas [...] me acusando, [...] dizendo que eu traía ele [...], que ia me matar [...]. Que ia ficar com as meninas” (LIDUINA, 2017, p. 29). Segundo Saffioti (2001, p. 115), “[...] No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas [mulheres, crianças, idosos], recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio”.

No caso de Liduina, não foi ciúme, associado à imaturidade e à ideia de posse, que desencadeou o fracasso do seu casamento e sim a traição e a infidelidade por parte do esposo, inevitáveis, mesmo com todo o controle exercido por ela: “Tudo, a respiração dele, era como se eu quisesse saber de tudo (LIDUINA, 2017, p. 9). Mas ela toma para si esse fracasso: “[...] Então isso fez com que muitas vezes, eu acho, que eu acabei estragando o casamento, com tanta briga por besteira” (LIDUINA, 2017, p. 9), autopunindo-se pela cisão de um compromisso assumido mutuamente, uma vez que não se vive um enlace conjugal sem parceria.

No entanto, com a crise no casamento, desencadeada pela traição e infidelidade masculina, Liduina tomou consciência de que podia reverter a situação: “Eu consegui mudar o jogo. Aquela história de virar o jogo” (LIDUINA, 2017, p. 9), e criou estratégias que a tirassem da posição de objeto para a posição de sujeito (SAFFIOTI, 2001). Primeiro tentou preservar o casamento, pela submissão: “[...] Era o comer que ele queria [...] que eu fazia” (LIDUINA, 2017, p. 10); escondendo da família agressões e ameaças por quatorze anos e fingindo suportar a traição: “[...] Quando ele chegava eu estava ali, nem parecia que estava chorando [...], eu fazia de conta que não sabia, só que eu sabia de tudo (LIDUINA, 2017, p.

10). Depois assumiu a história de sua vida: “[...] Hoje eu quero também e eu quero dessa forma” (LIDUINA, 2017, p. 10).

A dor psíquica vivenciada por Liduina tem íntima ligação com o sentimento de culpa relatada por Scabello (2006, p. 314), ao afirmar que na “[...] relação entre dor e culpa, o ser feminino parece se manter facilmente preso ao ressentimento”. Foi esse ressentimento, essa mágoa que a impulsionou ou motivou a abdicar desse estado de sofrimento, a sair de um estado de autopunição para o de a autopercepção: “[...] Porque eu, nesse tempo eu inventei de fazer o curso. Nesse tempo eu mudei totalmente [...]. Além de trabalhar, fazia esse curso”.

As atitudes de Liduina representam a insatisfação feminina com normas e valores que privilegiam os homens em detrimento das mulheres e a desconstrução de culturas institucionalizadas que naturalizam a inferioridade feminina, constatando que é possível aliar as novas concepções às já enraizadas e sedimentadas culturalmente e encontrar o equilíbrio entre os conflitos que têm se gerado em relação aos papéis sexuais de homens e mulheres e da honra masculina (ARAÚJO, 2016) dentre outros fatores que nos levam a conservar ou romper com a lógica dos códigos patriarcais.

Em se falando em honra, merece destaque o posicionamento de Alexandra. Embora se reconheça como amasiada, mantenha dupla vida amorosa, procura preservar a honra do marido perante a sociedade e seus familiares, afirmando que “[...] Eles não sabem” (ALEXANDRA, 2017, p. 5). Apesar de declarar que seu parceiro é “[...] doente de ciúmes [...], tem ciúmes do meu marido!” (ALEXANDRA, 2017, p. 3), o ciúme não têm peso nem ameaça suas relações. A questão da honra reflete-se em sua insatisfação com o casamento, por manter em sigilo a relação com o amante: “[...] a gente não pode sair juntos, ficar à vontade” (ALEXANDRA, 2017, p. 5).

A experiência de Wigna é um pouco distinta. O ciúme controlado do parceiro era sinal de confiança na pessoa dela: “Eu acho que ele tinha confiança em mim” [...] (WIGNA, 2017, p. 7). Ela se considerava comprometida: “Eu acho que era um relacionamento estável, porque a gente tinha um compromisso de ficar juntos [...]” (WIGNA, 2017, p.10). Embora não havendo pacto de fidelidade entre eles, ela fazia questão em respeitá-lo: “Se ele saía para alguma festa e ficava com outras mulheres eu nunca soube [...]”. Agora, eu nunca saí para uma festa, estando com ele para chegar na festa, dançar, beber e namorar não, com alguém lá, não” (WIGNA, 2017, p. 10). Estava satisfeita com a relação e só rompeu devido ele ter ficado com outra: “Para mim estava bom. Eu não tinha interesse em mudar não. Pelo contrário, se não tivesse acontecido esse imprevisto, eu acho que a gente ainda estava junto até hoje” (WIGNA, 2017, p. 11). Mesmo em uma relação na qual ocupava a posição de “amante”,

Wigna não aceitou que seu parceiro ficasse com outra mulher além da esposa dele. A noção de fidelidade é convocada, quando ela não aceita o fato de ter sido traída.

Com seus relatos, as entrevistadas mostram-se contrárias às desaprovações e questionamentos da sociedade em relação às suas maneiras de viver: “[...] Eu não quero que ninguém se envolva na minha vida. A minha vida pessoal” (ALEXANDRA, 2017, p. 3) e de exercer a sexualidade: “Eu era solteira, porque namorava com quem aparecesse. Eles que tinham que se dar respeito” (LIDUINA, 2017, p. 50). Fazem o que gostam, dando pouca importância à opinião alheia: “Pra [SIC] mim o que vale é o que eu posso fazer. Eu só me arrependo [...], daquilo que eu não fiz [...] Então, para mim o que vale é o aqui, agora” (WIGNA, 2017, p. 18) ou se mostram insatisfeitas em não poder viver abertamente a relação e assumir-se como amante.

Atualmente a mulher amante reage à clandestinidade e à exclusão social. Possui alguns direitos assegurados - trabalhistas, políticos, jurídicos- e ocupa alguns espaços sociais antes só concedidos aos homens. Busca viver de modo a satisfazer alguns de seus desejos e sentimentos. Cabe a cada uma de nós, lutar contra todo tipo de agressão, mesmo nos menores gestos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei este trabalho tinha a percepção de que as mulheres que se relacionam com homens comprometidos vivem todas em prejuízo pela instabilidade da relação, insatisfeitas por ficarem em segundo plano, sem vez e voz e à mercê dos companheiros que as iludem com promessas futuras. Para mim tais mulheres eram vítimas e as que se aventuravam, inconsequentemente, eram vilãs.

Realizar esta pesquisa foi uma forma que encontrei para refletir sobre angústias e inquietações acerca do ser/estar amante de um homem comprometido ou em relação estável. Apesar de tratar-se de um tema polêmico, tive a grata surpresa da aceitação dos sujeitos envolvidos na pesquisa e de todos que ouviram sobre ela. É uma tentativa de dar visibilidade e possibilitar a desconstrução de estereótipos acerca dessas mulheres.

A sociedade estabelece um conjunto de valores e estereótipos que ditam comportamentos e formas de ver e entender a vida. As mulheres que não se enquadram nesses padrões e não aceitam a dominação masculina, têm que encontrar formas e estratégias para contrariá-los e conquistar os seus próprios espaços. As mulheres não são mais vistas apenas como seres capazes de gerar outras vidas, mas ocupando posições tradicionalmente desempenhadas pelos homens, ligadas à economia e ao plano público e aptas a decidirem junto aos novos modelos de famílias.

A partir dos estudos, percebi que algumas mulheres não se submetem aos códigos e padrões impostos pela sociedade. Que é exatamente esse rompimento, a quebra da estrutura patriarcal promovida por essas mulheres que se faz tão necessária e fundamental para o avanço e emancipação feminina.

A pesquisa mostrou que a categoria “amante” é composta por mulheres ousadas, capazes de quebrar estereótipos e desafiar a pseudomoralidade social, assumindo-se como mulheres que tem sexo, desejo e potencial para decidir como querem ser e viver. Constatei que não são vítimas, nem vilãs; não querem o espaço da esposa, não dependem financeiramente dos seus parceiros, nem estão na relação por imposição ou convenção social, mas por sentimentos ou por gostar de assim viver.

O caso de Alexandra em especial retrata o que diz Martha Medeiros na epígrafe deste trabalho, no sentido de que as mulheres pesquisadas estão para ser amadas. Ela mostra sua impotência em não poder dizer que é a preferida de um homem comprometido e, por essa

razão, não poder expô-lo e nem se expor, pois causaria a ruína de dois núcleos familiares instituídos.

O amor idealizado e sentido por Liduina continua árduo em sua memória e a fez casar novamente. E após o casamento civil (fato ocorrido pós-entrevista) vive o amor baseado no respeito mútuo e no companheirismo. A comunicação entre eles é fundamental para fortalecer os laços afetivos e solucionar ou evitar possíveis problemas.

O amor livre de Wigna a mantém destituída das responsabilidades e das amarras que o casamento poderia lhe proporcionar se ficasse na condição de esposa, vista como a que gera filhos, cozinha, costura e borda, e a deixa aberta para o afago e a entrega de momentos, como diz a canção de Simone (1985).

Alexandra, Liduina e Wigna: três mulheres, três amantes, três guerreiras. Suas experiências me possibilitaram novos olhares acerca do meu objeto de estudo e trouxeram à tona novos questionamentos que certamente buscarei compreender em trabalhos futuros. A elas, minha gratidão.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Eronides Câmara. **Homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor**. Campina Grande: Appris Editora, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004.

CARVALHO, Dimas Daniel. **Famílias simultâneas na ordem constitucional democrática**. 2013, 89p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Direito do Sul de Minas, Pouso Alegre – MG: FDSM, 2013. 89p.

COSTA, Andréa. **Metodologia da pesquisa: tipos de pesquisa**. Disponível em <http://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/desenvolvimento-de-pesquisa/metodologia-da-pesquisa/view>

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto 2006.

\_\_\_\_\_. **Histórias Íntimas Sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta Ltda., 2011.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Meninas da noite: a prostituição de meninas-escravas no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

FERREIRA, Vera Lúcia Thiesen. **A função social da (o) amante**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2009. Disponível em <http://siaibib01.univali.br/pdf/Vera%20Lucia%20Thiesen%20Ferreira.pdf>. Acesso em 20 de Fev de 2018.

GOLDENBERG, Mirian. **A Outra: a amante do homem casado**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza; DUARTE, Luiz Fernando Dias; PEIXOTO, Clarice; BARROS, Myriam Lins. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MATOS, Mariana Santiago de. **Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens pertencentes às camadas populares cariocas**. 2004. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5277/5277\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5277/5277_1.PDF). Acesso em 18/Dez/2017.



MEDEIROS, Martha. **Poesia Reunida**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

MELO, Giovana Pelagio. **Uniões Concomitantes**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). 2010. Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2010. Disponível em [http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2010\\_2/giovana\\_melo.pdf](http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2010_2/giovana_melo.pdf). Acesso em 13 de Dez. de 2017.

ROSA, Alexandre. **Amante virtual: (in)consequências no direito da família e penal**. Florianópolis: Habitus, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

\_\_\_\_\_, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos pagu, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>. Acesso em 05 de Abr. de 2018.

SCABELLO, Edilaine Helena. Desvelando a dor amorosa da infidelidade conjugal: discursos de homens e mulheres. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

SCOTT, Joan. Uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Rio G. do Sul, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul- dez. 1995. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/3038/showToc>. Acesso em 15/Jul/2017.

\_\_\_\_\_, Joan. História das mulheres. In BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 65-98. Disponível em <https://teoriografia.files.wordpress.com/2015/05/a-escrita-da-histc3b3ria-peter-burke.pdf>. Acesso em 15/Jul./2017.

SILVA, DE Plácido e. **Vocabulário Jurídico**. 32. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

SOUZA, Gustavo Ramos. **Machado de Assis e o adultério**. 2011. Disponível em <http://avulsoaoavesso.blogspot.com.br/2011/07/machado-de-assis-e-o-adulterio.html>

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. **A única coisa que nos une é o desejo: produção de si e sujeitos do desejo na vivência do homossexualismo em Campina Grande/PB**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2006.

VIEIRA, Laura Uhry. **Famílias paralelas: uma nova realidade na esfera do direito das famílias**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em [http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2015\\_2/laura\\_vieira.pdf](http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2015_2/laura_vieira.pdf). Acesso em: 13 de Dez. 2017.

ZAMPIERI, Ana Maria Fonseca. **Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS**. São Paulo: Ágora, 2004.

**ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA  
Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas – CCSAH  
Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidada a participar da pesquisa MULHERES QUE SE RELACIONAM COM HOMENS COMPROMETIDOS, coordenada pela professora Kyara Maria de Almeida Vieira e de responsabilidade de Maria Francineide Henrique de Jesus. Tal pesquisa faz parte das atividades realizadas na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, da Licenciatura em Educação do Campo e tem como objetivo geral discutir e problematizar a realidade de mulheres amantes de homens comprometidos com outras mulheres, e como objetivos específicos analisar as relações familiares protagonizadas por mulheres amantes de homens casados e entender as representações que essas mulheres amantes têm de si mesmas.

Essa pesquisa segue as recomendações de todos os preceitos éticos no campo da pesquisa, de acordo com a resolução 510.2016 do CNS sobre o desenvolvimento de pesquisas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguramos que, caso seja esta sua opção, seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo de informações que não permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, por meio de entrevista, ficarão sob a guarda das pesquisadoras responsáveis pela pesquisa. Você ficará com uma cópia deste Termo e se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, pode nos contatar através dos e-mails kyara.almeida@ufersa.edu.br e mariajesus14362@hotmail.com.

**Consentimento Livre e Esclarecido**

Declaro que compreendi o explicitado acima e concordo em participar voluntariamente da pesquisa “Mulheres que se relacionam com homens comprometidos”.

---

**Colaborador/a da pesquisa**

---

**Pesquisador/a**

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2017.

## APÊNDICE - MODELO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA  
Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas  
Licenciatura em Educação Do Campo – LEDOC

### Questionário para entrevista do TCC

**Público alvo:** Mulheres que se relacionam com homens comprometidos

**Universo da pesquisa:** Município de Serra do Mel – RN.

Data da entrevista: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

1. Nome completo (ou pseudônimo): \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
2. Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_
3. Local de nascimento: \_\_\_\_\_
4. Escolaridade: \_\_\_\_\_
5. Religião: \_\_\_\_\_
6. Estado civil: \_\_\_\_\_
7. Tem filhos?     ( ) SIM         ( ) NÃO  
Se sim, quantos? \_\_\_\_\_ Homens \_\_\_\_\_ Mulheres \_\_\_\_\_  
São filhos da pessoa com quem você se relaciona ou não? \_\_\_\_\_
8. Tem irmãos?     ( ) SIM     ( ) NÃO  
Se sim, quantos? \_\_\_\_\_ Homens \_\_\_\_\_ Mulheres \_\_\_\_\_
9. Você tem amigos/as? ( ) SIM ( ) NÃO  
Isso faz diferença para você? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
10. Tipo de moradia:     ( ) Própria         ( ) Alugada         ( ) Cedida
11. Há quanto tempo reside em Serra do Mel? \_\_\_\_\_
12. Já morou em outro (s) lugar (es)?             ( ) SIM         ( ) NÃO  
Se sim, qual (quais)? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
13. Quando conheceu seu parceiro? \_\_\_\_\_
14. Como conheceu? \_\_\_\_\_
15. Onde o conheceu? \_\_\_\_\_
16. Como ele a trata como pessoa? \_\_\_\_\_

17. Ele participa do seu dia-a-dia? ( ) SIM ( ) NÃO

Se sim, como? \_\_\_\_\_

18. Ele é ciumento? ( ) SIM ( ) NÃO

Se sim, em quais situações? \_\_\_\_\_

O que você acha do ciúme dele? \_\_\_\_\_

19. Você sente ciúmes dele? ( ) SIM ( ) NÃO

Se sim, em quais situações? \_\_\_\_\_

20. Vocês costumam sair juntos? ( ) SIM ( ) NÃO

Se sim, em quais situações? \_\_\_\_\_

21. Você se sente bonita sexy? ( ) SIM ( ) NÃO

22. Ele a considera bonita, sexy? ( ) SIM ( ) NÃO

23. Ele te faz elogios? ( ) SIM ( ) Não

Se sim, quais? \_\_\_\_\_

24. Você o considera bonito, sexy? ( ) SIM ( ) NÃO

25. Você o elogia? ( ) SIM ( ) NÃO

Se sim, quais elogios? \_\_\_\_\_

26. Você se preocupa com sua aparência? ( ) SIM ( ) NÃO

Se sim, em quais aspectos? (Cuidados) \_\_\_\_\_

27. Este investimento na sua aparência parte de você (da sua vontade) ou é estimulado por ele? \_\_\_\_\_

28. Como se dá a relação financeira entre vocês? Existe partilha?

( ) SIM ( ) NÃO

Como isso se dá? \_\_\_\_\_

29. Você já sofreu preconceito por conta da sua relação amorosa?

( ) SIM ( ) NÃO

Se sim, quais? \_\_\_\_\_

Onde? \_\_\_\_\_

Por quem? \_\_\_\_\_

30. Como você vê sua relação afetiva? ( ) Estável ( ) Instável ( ) Frágil ( ) Forte

Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

31. Sua família é favorável à sua relação? ( ) SIM ( ) NÃO  
Se sim, como aconteceu o processo de aceitação? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
Se não, quais os motivos apontados? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
32. A sociedade local aceita a sua relação? ( ) SIM ( ) NÃO  
Como você percebe isso? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
33. A opinião que as pessoas têm acerca do seu relacionamento amoroso é importante para você? ( ) SIM ( ) NÃO
34. Você está satisfeita com a sua relação conjugal? ( ) SIM ( ) NÃO  
Comente: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
35. Você se sente amada pelo seu companheiro? ( ) SIM ( ) NÃO  
Se não, por que está com ele? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
36. Você sente orgulho de algo em sua vida? ( ) ( ) NÃO  
Se sim, de que? \_\_\_\_\_  
Por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
37. Você tem planos para o futuro? ( ) SIM ( ) NÃO  
Se sim, em relação a que? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
Quais? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
38. Existe algum dado ou experiência marcante ausente neste questionário que você gostaria de relatar? ( ) SIM ( ) NÃO  
Se sim, relate. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

OBRIGADA!